

FIM DE ANO/

Ao contrário do varejo, que projeta aumento de 6% nas vendas, o setor aposta em alta de 12% nos negócios. Especialistas avaliam que a expectativa é muita alta frente à crise global e à disposição dos consumidores

Atacado espera Natal gordo

» LARISSA GARCIA

Embora a projeção de crescimento nas vendas de fim de ano do varejo em Brasília seja de 6%, em comparação a 2011, o Sindicato do Comércio Atacadista do Distrito Federal (Sindiatacadista) prevê elevação de 12% para o setor no mesmo período. Especialistas, entretanto, consideram a expectativa exagerada. “Já era imaginado que a economia brasileira tivesse uma forte recuperação no terceiro e quarto semestres deste ano, mas não alcançamos o esperado. As famílias também têm um grande índice de endividamento, o que deve frear o consumo”, pondera Roberto Piscitelli, professor do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB).

Ainda assim, o presidente do Sindiatacadista, Fábio de Carvalho, aposta no segmento de alimentos e bebidas para alavancar o setor. “Nossa projeção é bastante otimista. Acreditamos que as vendas desses produtos devem aumentar até 20% neste fim de ano, mas todos os outros têm apresentado bons resultados. Além disso, 2011 foi muito fraco, tivemos alta de apenas 6%. A expectativa é superá-lo.” Para ele, os brasilienses devem desembolsar mais nas compras de Natal. “Os salários estão melhores e, conseqüentemente, o consumo aumenta”, aposta. Entre 2009 e 2010, as vendas do atacado aumentaram 11%,

Os salários estão melhores e, conseqüentemente, o consumo aumenta”

Fábio Carvalho,
presidente do Sindiatacadista

A categoria (servidores) não ganhou grandes aumentos este ano, o que não justifica a expectativa de crescimento das vendas do atacado”

Roberto Piscitelli,
professor da UnB

período no qual o Brasil apresentou expansão econômica de 7,5%, a maior em 24 anos, impulsionada pelo consumo das famílias. “Esperamos um crescimento ainda maior para este

ano. Com a crise na Europa, a população ficou receosa em comprar, o que aconteceu em 2011, mas, agora, o brasileiro viu que o país está se comportando bem diante da turbulência e está mais seguro”, justifica Carvalho.

A alta do dólar, que ultrapassou a casa dos R\$ 2, não deve prejudicar o comércio. “O governo tem incentivado o consumo no Distrito Federal. Mesmo que os produtos importados pesem mais no bolso do brasiliense, não consideramos um problema por conta da demanda interna”, acrescenta o presidente do Sindiatacadista.

O professor Roberto Piscitelli prevê que o consumo de importados deve apresentar queda neste Natal. “É um ano pouco favorável para quem quer comprar itens produzidos fora do país. O que pode acontecer é o brasileiro escolher o nacional para gastar menos.”

De acordo com o especialista da UnB, a estabilidade financeira gerada pelo setor público torna o DF imune às oscilações financeiras brasileiras. “A capital sempre sente com menos intensidade os efeitos econômicos. Quando o Brasil cresce, não apresentamos números excepcionais e, quando apresenta queda, não sofremos tanto, muito por conta dos servidores públicos. Mesmo assim, a categoria não ganhou grandes aumentos este ano, o que não justifica a expectativa de crescimento das vendas do atacado”, argumenta.

Breno Fortes/CB/D.A Press



Sandra Olinda, militar, pretende economizar nos presentes em relação a 2011: “Está tudo muito caro”

Inflação

O brasiliense pagará mais caro este ano por itens que compõem a ceia de Natal. Alimentação e bebidas tiveram uma variação de 7,88% de janeiro a outubro, de acordo com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE). Os presentes também devem pesar no orçamento das famílias do DF. Joias e bijuterias tiveram alta de 8,15%, e calçados e acessórios, de 5,97%.

A militar Sandra Olinda, 48 anos, moradora do Jardim Botânico, pretende economizar neste Natal. “Está tudo muito caro. Vou comprar apenas lembrancinhas para os filhos e o marido para não

gastar muito”, afirma. Ela já desembolsou R\$ 300 em presentes para crianças carentes e quer manter a faixa na hora de escolher produtos para a família. “Todos os anos, faço doações e os brinquedos estão subindo cada vez mais”, reclama. “Sinto que as pessoas estão mais cautelosas na hora de comprar e mais atentas aos preços”, completa.